Barenboim — Minha família imigrou para a Argentina muito antes da II Guerra. Eu mesmo nasci em 1942. Assim, tudo o que sei do nazismo e do holocausto aprendi depois. Lembro-me de ver, ainda criança, moradores da cidade de Bariloche fazer a saudação nazista. O país abrigou muitos militares alemães depois da derrota de Hitler. Costumamos achar que não existiu nada mais terrível do que o nazismo. Para ser sincero, tendo a crer que a principal diferença está no senso de organização dos alemães. Eles criaram uma máquina de matar extremamente eficiente. Mas a capacidade do ser humano de ser cruel é infinita.

Veja — *O senhor entrou em contato com dois regentes associados ao nazismo: Wilhelm Furtwängler e Herbert von Karajan. Chegou a conversar com eles a respeito disso?*
Barenboim — Conheci Furtwängler quando estava com 11 anos de idade. Não tinha coragem e muito menos o entendimento para conversar com ele sobre esse assunto. Mas acredito que ele nunca se identificou realmente com aquele horror. Com Karajan foi diferente. Eu o interpelei e ele me disse: "Eu tinha ambições artísticas, queria trabalhar na Alemanha e para isso tinha de me associar ao partido nazista. Foi o que fiz".

Veja — *Em 2001, o senhor causou uma grande polêmica ao reger Richard Wagner em Israel. Por que tomou essa decisão?*
Barenboim — Temos de ter muito cuidado ao abordar o "tabu Wagner". Wagner nasceu na Alemanha em 1813 e morreu em 1883. Foi um grande artista e um ser humano horroroso. Nos dias de hoje, iria para a cadeia por causa de seus escritos anti-semitas. Os nazistas o transformaram num ícone cultural e usaram sua música como símbolo. Na West-Eastern Divan Orchestra temos uma menina cuja família foi dizimada em campos de concentração ao som das obras de Wagner. Ou seja, existe um problema real, uma ligação horrível entre a música do compositor e a morte de milhões de judeus. Mas não acredito em censura. Richard Wagner traz péssimas lembranças a você? Tudo bem, fique em casa e não ouça. Mas por que um morador de Tel-Aviv, que não tem nada a ver com o holocausto, deve ser proibido de ouvir essas composições? Existe muita hipocrisia em relação ao tabu Wagner. Não podemos tocar as obras dele em Israel, mas você pode comprar um CD de Wagner em qualquer loja de discos de Tel-Aviv. Os celulares tocam *A Cavalgada das Valquírias* e ninguém reclama. E muita gente anda de Mercedes, que era um dos carros prediletos de Adolf Hitler.

> **"O papel do regente mudou muito. Antigamente, as orquestras precisavam do maestro para ensiná-las a tocar peças complicadas. Hoje, os músicos precisam de alguém que lhes dê uma outra leitura de obras que estão acostumados a executar. O segredo é que sei fazer isso muito bem"**

Veja — *O senhor também regeu a abertura de* Tristão e Isolda, *de Wagner, em alguns concertos da West-Eastern Divan Orchestra. Como os músicos israelenses se sentem ao executar essa obra?*
Barenboim — Alguns dos instrumentistas judeus da orquestra me pediram para incluir Wagner no programa. Eu disse que eles deveriam fazer uma votação entre os israelenses para ver se todos concordavam em tocar. A maioria votou pela inclusão de *Tristão e Isolda*. Os outros podem sair do palco se não se sentirem confortáveis.

Veja — *O senhor regeu as principais orquestras do mundo. Existe algum segredo para lidar com músicos temperamentais?*
Barenboim — O papel do regente mudou muito. Antigamente, as orquestras precisavam de maestro para ensiná-las a tocar peças complicadas. Hoje, os músicos sabem executar qualquer coisa e precisam de alguém que lhes dê uma outra leitura de obras que estão acostumados a tocar. O segredo é que sei fazer isso muito bem.

Veja — *O senhor está deixando o posto de diretor artístico da Sinfônica de Chicago. Pretende pleitear esse cargo numa outra orquestra?*
Barenboim — Eu regi a Sinfônica de Chicago, por que me preocuparia em procurar outra orquestra? Em qual delas encontraria músicos tão bons quanto os que trabalharam sob a minha direção? Na verdade, pretendo me dedicar mais à carreira de solista. Também vou dar aulas de música em Harvard, nos Estados Unidos, e fazer programas especiais para a BBC. Além da West-Eastern Divan, é claro, que me dá bastante trabalho.

Veja — *Uma das razões da sua saída de Chicago foi o fato de não concordar em atrair mais anunciantes. Poderia explicar melhor essa decisão?*
Barenboim — As principais orquestras dos Estados Unidos trabalham como se fossem uma grande corporação. Nesse esquema de trabalho, o regente tem de angariar mais dinheiro. Isso não está certo. A função do maestro é fazer música e desenvolver uma sonoridade única para seu grupo. Mas os diretores de Chicago pediam anunciantes, achavam que os músicos estavam ganhando muito... Eu faço música há 55 anos e me dou o direito de não ter mais preocupações dessa categoria.

Veja — *Um de seus filhos faz hip hop. Isso lhe agrada?*
Barenboim — David leva o seu trabalho a sério, e isso me basta, muito embora o tipo de música que ele faz não me atraia muito. Além disso, tenho outro filho que trabalha comigo. Ele é primeiro-violino da West-Eastern Divan Orchestra. ■